



O RURAL DE ECONOMIA NÃO-AGRÍCOLA: ASPECTOS ANTROPOLÓGICOS DE MINAS DO CAMAQUÃ

RAQUEL BREITENBACH; PEDRO SELVINO NEUMANN; LUCIANE D. DE MOURA;

UFSM

SANTA MARIA - RS - BRASIL

psneumann@smail.ufsm.br

APRESENTAÇÃO ORAL

Agricultura Familiar e Ruralidade

O RURAL DE ECONOMIA NÃO-AGRÍCOLA: ASPECTOS ANTROPOLÓGICOS DE MINAS DO CAMAQUÃ

GRUPO DE PESQUISA 09: DESENVOLVIMENTO RURAL, TERRITORIAL E REGIONAL.

RESUMO

Os projetos de intervenção buscam alavancar alternativas que tenham como ponto de partida alocar os recursos das unidades produtivas em prol do desenvolvimento das localidades rurais. Para a formulação desses projetos, os técnicos precisam conhecer exaustivamente o local a ser trabalhado, para isso, é imprescindível que seja lançado também um olhar antropológico acerca da população que compõem a localidade estudada. Nesse sentido, o presente trabalho teve como objetivo identificar, por meio de uma pesquisa de campo, os aspectos antropológicos (o homem e sua história, ciclos de ocupação, crenças, tradições, mitos, religião) da população de Minas do Camaquã, distrito de Caçapava do Sul no estado do Rio Grande do Sul. A metodologia empregada na pesquisa constituiu-se basicamente de entrevistas semi-estruturadas com moradores locais. A escolha do local para a realização do trabalho deu-se, especialmente, pela peculiaridade da região, visto que se trata de um espaço no meio rural onde a economia predominante decorre das atividades de mineração, não tendo qualquer relação determinante no âmbito econômico com práticas agrícolas. Dentre os resultados obtidos com a pesquisa, destaca-se o sentimento de paternalismo da população local que não se sente responsável pelo local que vive, não existe um sentimento de pertença por parte dessas pessoas. Em seguida, formulou-se recomendações com a pretensão de contribuir para o desenvolvimento rural da localidade como um todo, na perspectiva da participação da população enquanto agentes de desenvolvimento.



Palavras-chaves: Desenvolvimento rural, aspectos antropológicos, mineração.

ABSTRACT

The projects of intervention search to lever alternatives that have as starting point to place the resources of the productive unities on behalf of rural localities development. For the formulation of these projects, the technician has to know thoroughly the place to be worked, for this, it is indispensable to be also cast an anthropological look concerning to the population that consists the studied locality. In this way, the present work had as objective to identify, through a field research, the anthropological aspects (man and his history, cycles of occupation, beliefs, traditions, myths, religion) of the population from Minas do Camaquã, district of Caçapava do Sul in the state of Rio Grande do Sul. The methodology used in the research constitute basically a semi-structured interview with local residents. The choice of the place for the work carrying out was done, specially, because of the peculiarity of the region, since it is concerned to a space in the rural circle where the predominant economy comes from mining activities, having no determiner relation in economic scope with agricultural practices. Among the results obtained by the research, stands out the paternalism feeling of the local population that don't feel themselves responsible of the place that they live, there is no feeling of belonging concerned to these people. Next, there were formulated recommendations with the pretension of contributing for the rural development as a whole, in the perspective of the population participation while agents of development.

Key-words: Rural development, anthropological aspects, mining.

1-Introdução

Os problemas sociais e econômicos que surgem com frequência na agricultura, são temas que vêm recebendo, principalmente nas últimas décadas, atenção especial pelos órgãos de extensão rural competentes. Trata-se de problemas oriundos do avanço do capitalismo, em especial da introdução da Revolução Verde, os quais foram responsáveis, por outro lado, pelo aumento da produção agrícola e pelo desenvolvimento de inúmeras tecnologias.

Concentrando-se nos problemas da agricultura, os projetos de intervenção buscam alavancar alternativas que tenham como ponto de partida alocar os recursos das unidades produtivas em prol do desenvolvimento das localidades rurais. Para a formulação desses projetos, os técnicos precisam conhecer exaustivamente o local a ser trabalhado, de modo que a intervenção não afete negativamente a cultura, o meio ambiente, a economia e ou não traga mais problemas sociais.

Para que todos esses aspectos sejam contemplados, é imprescindível que seja lançado também um olhar antropológico acerca da população que compõem a localidade estudada. Esse olhar deve incluir uma análise das características dos habitantes, suas visões de mundo, formas de relacionamento, crenças, tradições, mitos, religiões e etnias. Nesse sentido, o presente trabalho tem como objetivo identificar, por meio de uma pesquisa de campo, os aspectos antropológicos da população de Minas do Camaquã, distrito de Caçapava do Sul no



SOBER

XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia,
Administração e Sociologia Rural



estado do Rio Grande do Sul. Os aspectos que foram explorados incluem o homem e sua história, ciclos de ocupação, crenças, tradições, mitos, religião.

A metodologia empregada foi a Avaliação Rural Rápida, e como instrumento utilizou-se entrevistas semi-estruturadas com moradores locais. A escolha do local para a realização do trabalho deu-se, especialmente, pela peculiaridade da região, visto que se trata de um espaço no meio rural onde a economia predominante decorre das atividades de mineração, não tendo qualquer relação determinante no âmbito econômico com práticas agrícolas.

A partir desse levantamento foram identificadas e exploradas questões antropológicas que permitiram chegar a conclusões relevantes acerca da aparente “estagnação” econômica e social existente no local. Em seguida formulou-se recomendações com a pretensão de contribuir para o desenvolvimento rural na comunidade da localidade como um todo, na perspectiva da participação da população enquanto agentes de desenvolvimento.

2- Metodologia

2.1- Procedimentos Metodológicos

O estudo realizado em Minas do Camaquã, contou com uma equipe interdisciplinar, a qual analisou oito dimensões diferentes da localidade, tais como: economia e agricultura; economia e extração mineral; social; ambiental; político-institucional; cultural; infra-estrutura e antropológica. Os resultados do estudo aqui apresentados referem-se aos aspectos antropológicos, realizados por um dos oito grupos de pesquisa presentes no local.

Para efetuar o presente diagnóstico, os pesquisadores construíram um roteiro para entrevista. Foram entrevistadas quatro famílias (compostas por mulheres jovens e adultas, homens jovens e adultos) de modo a contemplar os diversos núcleos ocupacionais.

Acerca de entrevistas, dispõe-se da contribuição de Gil (1999), que a define como uma técnica onde o investigador e o investigado se colocam frente a frente, de modo que o primeiro faz as perguntas para obter os dados de interesse à investigação. Dessa forma, a entrevista se mostra como uma forma de interação social, através do diálogo assimétrico. Essa técnica de coleta de dados é uma importante ferramenta para se obter informações relacionadas ao que as pessoas sabem, crêem, esperam, sentem, ou desejam, pretendem fazer, fazem ou fizeram, o que a faz ser adequada para o objetivo do presente estudo que é investigar os aspectos antropológicos.

Com base nos diferentes tipos de entrevistas, definidos por Marconi e Lakatos (2004), a entrevista utilizada por este trabalho foi a “despadronizada” ou “não-estruturada”, que é a entrevista na qual o entrevistador coordena na direção que acha mais adequada, podendo explorar mais amplamente uma questão. As perguntas são abertas e podem ser respondidas numa conversa informal. Dentro dessa modalidade de entrevista “despadronizada” ou “não-estruturada” Marconi e Lakatos (2005) apresentam a entrevista “focalizada”, a qual foi adotada neste trabalho, onde se têm um roteiro de tópicos relativos ao problema em questão a ser estudado e onde o entrevistador faz perguntas que deseja, sondando razões e motivos, prestando esclarecimentos.

Depois de realizadas as entrevistas, os dados foram sistematizados criando-se uma matriz de informações sobre os aspectos antropológicos. Posteriormente, partindo-se da matriz, encaminhou-se para os resultados e discussões chegando-se às conclusões. A partir



SOBER

XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia,
Administração e Sociologia Rural



dessas conclusões, foram feitas recomendações que constituíram um projeto, o qual inclui ações estratégicas, medidas, parceiros e resultados esperados, visando promover o desenvolvimento local.

Pode-se dizer que a pesquisa permitiu o contato dos pesquisadores com uma realidade diferente daquela que estavam acostumados, uma comunidade no meio rural que não tem na agricultura nas suas bases principais, como geralmente é visto em outras realidades. Essa diferenciação econômica (não baseada na agricultura), também permitiu encontrar uma diferenciação social, que combinado com uma cultura e uma beleza ambiental única torna o local singular.

A oportunidade e a liberdade dada aos pesquisadores para que desenvolvessem seus próprios instrumentos de pesquisa, de análise de dados e de formulação de proposições, possibilitaram o desafio da responsabilidade de realizar o estudo e ao mesmo tempo do comprometimento na apresentação de propostas de intervenção. Já o fato de ser um local não determinado por práticas agrícolas, fez com que os pesquisadores despertassem para a condição de que situações diferentes e inusitadas poderão aparecer no decorrer do trabalho o que torna necessário estar aberto e preparado para enfrentar realidades bastante distintas e peculiares. Ademais, permitiu compreender que o exame e a adequação dos instrumentos de pesquisa é uma constante nas investigações.

2.2- Antropologia como Campo de Análise

A palavra antropologia deriva de duas palavras gregas: anthropos, que significa "homem" ou "humano"; e logos, que significa "pensamento" ou "razão". Os antropólogos habitualmente investigam as formas de desenvolvimento do comportamento humano, objetivando descrever integralmente os fenômenos sócio-culturais.

A ciência antropológica é dividida em dois eixos principais: antropologia biológica (ou física) e antropologia cultural (ou social). Cada uma delas atua em campos de estudo mais ou menos independentes, sendo que especialistas numa área freqüentemente consultam e cooperam na outra área. Enquanto a primeira é geralmente classificada como uma ciência natural, a última é considerada uma ciência social.

A antropologia biológica busca conhecer as diferenças ditas raciais e étnicas, a origem e a evolução da humanidade. Os antropólogos deste campo estudam fósseis e observam o comportamento de outros primatas. Já a antropologia cultural, que é nosso objeto de estudo, dedica-se primordialmente ao desenvolvimento das sociedades humanas no mundo. Estuda a cultura¹, o comportamento dos grupos humanos, as origens religiosas, os costumes e convenções sociais, o desenvolvimento técnico e os relacionamentos familiares. Destaca-se

¹ Segundo LÉVI-STRAUSS (1970) para a antropologia a palavra cultura designa o conjunto dos modos de vida criados e transmitidos de uma geração para outra, entre os membros de determinada sociedade. Nesse sentido, abrange crenças, artes, normas, costumes, conhecimentos e muitos outros elementos adquiridos socialmente pelos homens. A cultura pode ser considerada, portanto, um amplo conjunto de conceitos, símbolos, valores e atitudes que modelam uma sociedade. Abrange o que pensamos, fazemos e temos como membros de um grupo social.



SOBER

XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia,
Administração e Sociologia Rural



nessa linha de estudo o brilhante ensaio de Lévi-Strauss denominado “O cru, o assado e o cozido”, em que mostra a variação dos procedimentos das tribos com o alimento.

Um campo não menos importante da antropologia cultural é a lingüística, que estuda a história e a estrutura da linguagem². A lingüística é especialmente valorizada porque os antropólogos se apóiam nela para observar os sistemas de comunicação e apreender a visão de mundo das pessoas.

Os antropólogos que seguem por esta senda podem até ser divididos entre aqueles que se interessam em procurar aquilo que é comum entre as várias culturas espalhadas pelo mundo, e aqueles outros que têm o seu interesse voltado exclusivamente para o que é original, singular, único, naquela cultura. Seus olhos e ouvidos voltam-se então para a magia, para os mistérios anímicos, o medo aos “manes”, aos fantasmas, a linguagem dos sonhos, para a mitologia e as concepções cósmicas, para o significado dos totens, para o sistema de parentesco e os procedimentos nupciais, para as tatuagens, para as automutilações e os sacrifícios, tudo isto entendido pelos antropólogos como “linguagens” especiais passíveis de serem estudadas, compreendidas e catalogadas (DAMATTA, 1987).

Parte-se da hipótese de que o homem vive em um mundo material, mas de acordo com uma matriz simbólica construída por ele mesmo. Trata-se de símbolos negociados de geração para geração e que podem ser através de mitos, ritos, e dogmas, mas também de objetos, gestos, linguagem e até a postura corporal das pessoas. Inclina-se a pensar, desse modo, que a ação humana é criadora e, portanto transformadora. De acordo com Tomazi (2000, p. 178) “a antropologia vai estudar a relação dessa ação criadora com os mitos, regras e discursos criados pelos próprios homens”, ou ainda, segundo esse mesmo autor:

“A antropologia não diferencia realidade social e universo simbólico e, por isso, compreende as explicações míticas ou religiosas que os homens dão à sua realidade como elementos que interferem e explicam a produção dessa realidade, e não como distorções ou idéias falsas a seu respeito. Por exemplo, numa sociedade determinada, a obediência a certas regras religiosas de estímulo ao trabalho e à poupança poderá ajudar a compreender a organização de sua economia; sua forma de entender o porquê da existência humana pode ajudar a compreender a relação de maior ou menor dedicação que os membros dessa sociedade estabelecem com o trabalho”. (ibid. p. 178)

Como se percebe, ela busca investigar essa unidade entre ação e significação.

A antropologia não comporta mais a idéia de uma mera coleção e classificação de curiosidades históricas e ordenadas. Trata-se, muito pelo contrário, de compreendê-la como uma ciência profunda e filosófica. “O papel da antropologia é produzir interpretações das diferenças enquanto elas formam sistemas integrados” (DAMATTA, 1987, p. 145).

A antropologia social é a disciplina que se propõe a estranhar e questionar os vários conceitos básicos no decorrer de muitas gerações. Desse modo, ao estranhar o conceito clássico de religião, por exemplo, como uma crença em seres superiores, ela coloca-a num nível mais complexo, ou seja, conceituando-a como uma relação entre os homens e grupos

² É interessante perceber a linguagem como sistema de signos. O signo é algo que está no lugar de um objeto que é por ele representado. Essa representação pode assumir aspectos variados, podendo, inclusive, afirmar-se, que os elementos da cultura estão estritamente associados e se materializam na linguagem como, por exemplo, os ritos religiosos.



SOBER

XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia,
Administração e Sociologia Rural



sociais estabelecidas pelas representações da sociedade no sentido de demonstrar que a religião está situada no plano das idéias ou do ideológico³.

Qualquer que seja a definição adotada é possível entender a antropologia como uma forma de conhecimento sobre a diversidade cultural, isto é, a busca de respostas para entendermos o que somos a partir do espelho fornecido pelo “Outro”; uma maneira de se situar na fronteira de vários mundos sociais e culturais, abrindo janelas entre eles, através das quais se pode alargar as possibilidades de sentir, agir e refletir sobre o que, afinal de contas, nos torna seres singulares, ou seja, humanizados.

Cabe ao antropólogo recriar as relações sociais por meio da pesquisa, aprender o sentido profundo dessas relações. Para isso é necessário buscar firmemente o controle de preconceitos e o diálogo entre a razão e o mágico quase sempre predominante no universo dos grupos sociais.

Tomando-se como guia as indicações e os exemplos de Malinowski (1976), ver-se-á que uma pesquisa que busca recuperar e descrever aspectos antropológicos de um povo necessita de muito tempo, dedicação e principalmente de convivência social. Tal convivência permite acompanhar os fatos de perto, observá-los no momento que acontecem, aproveitando esse momento para explorá-los melhor. Para esse autor, é preciso que os fatos sejam relatados em sua totalidade e que não sejam citados apenas exemplos. Desse modo, o ideal é o estudo exaustivo dos fatos para que a constituição social do grupo seja realmente identificada. “Há uma série de fenômenos de suma importância que de forma alguma podem ser registrados apenas com o auxílio de questionários ou documentos estatísticos, mas devem ser observados em sua plena realidade” (MALINOWSKI, 1976, p. 33). Como exemplo desses fenômenos, o autor cita a rotina do trabalho diário, os detalhes de seus cuidados corporais, a preparação da comida e a alimentação, a ambição, as simpatias ou aversões entre as pessoas, etc.

Quanto ao método adequado para observar e registrar os aspectos da vida real e do comportamento típico da comunidade, esse mesmo autor afirma que a subjetividade do observador interfere de modo marcante, mas é preciso que este procure o quanto for possível deixar que os fatos falem por si mesmos. Ao observar as ocorrências, devem ser notados os detalhes do acontecimento e dos costumes e tradições. Desse modo, é preciso considerar os fatos da vida real, como parte integrante da essência da vida grupal, pois estão entrelaçados.

Malinowski (1976) também chama a atenção para que é preciso registrar o espírito do povo pesquisado, ou seja, seus pontos de vista, suas opiniões, suas palavras, pois “em todo ato de vida tribal existe, primeiro, a rotina estabelecida pela tradição e pelos costumes; em seguida, a maneira como se desenvolve essa rotina; e, finalmente, o comentário a respeito dela, contido na mente dos nativos.” (p. 36). O homem tem algumas obrigações habituais e segue uma linha de ações, e faz isso com base em certos motivos, movido por sentimentos e guiado por idéias, essas idéias, sentimentos e impulsos são moldados e condicionados pela cultura, portanto estudar e registrar essas questões é crucial.

Entretanto esse trabalho, em razão do tempo para a execução, três dias, previsto para a Avaliação Rural Rápida (ARR), não comporta um estudo profundo e exaustivo que possibilite

³ O que não nega necessariamente a religiosidade enquanto experiência mítica ou a existência de uma força divina classicamente chamada de Deus, mas afirma que muitas vezes as expressões religiosas correspondem a formas de normatizar e justificar determinadas relações sociais e processos de socialização existentes em determinada sociedade, como por exemplo, o sistema de castas.



SOBER

XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia,
Administração e Sociologia Rural



a compreensão dos aspectos antropológicos recomendados pelos antropólogos. De qualquer forma, permite obter um panorama geral da comunidade. Embora, admita-se, seja uma visão bastante superficial, isenta de muitos detalhes, pode-se considerar importante, pois os aspectos identificados pelo diagnóstico serão considerados na hora de formular um plano de intervenção para o local estudado.

3 – A Conformação Histórica de Minas do Camaquã

Minas do Camaquã é o nome do 3º distrito pertencente ao município de Caçapava do Sul, e que conforme o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) localiza-se na região sudoeste do Estado do Rio Grande do Sul, situada a setenta quilômetros da cidade, sendo, que destes, 25 km são de estrada sem pavimentação. Dista 300 km de Porto Alegre, 130 km de Bagé e 310 km do porto de Rio Grande, local onde eram escoados os minérios.

Refere-se a uma localidade rural que se pode considerar singular, do ponto de vista da grande maioria dos estudos realizados no meio rural, sendo que a economia não está associada a práticas agropecuárias, mas a extração de minérios, pois embora tenha sido suspendida, seus moradores, atualmente ex-mineradores, dependem economicamente da aposentadoria proveniente desse trabalho. As práticas agropecuárias, no entanto, aparecem como economia de subsistência, muito embora raramente, e nos casos em que aparece é compreendida como irrelevante para as famílias.

Minas do Camaquã, comumente chamada de “Vila”, surge e se desenvolve a partir de 1865, com a descoberta de jazida de cobre com ouro e prata como subprodutos, na propriedade de João Dias. A primeira lavra foi aberta no flanco leste de Cerro João Dias e recebeu o nome de Galeria dos Ingleses. A oeste, em período seguinte, foi aberta a chamada Galeria Belga.

De lá pra cá várias empresas de capital estrangeiro atuaram alternadamente em diversos períodos de sua história assim como empresas estatais e de capital privado nacional. Afora as mudanças e negociações entre as diferentes empresas atuantes na extração do minério, a alternância se deve ao fato de que a extração sempre esteve atrelada ao preço do minério no mercado internacional.

Em 1942 foi fundada a Companhia Brasileira do Cobre (CBC), através de uma parceria do Governo do Estado do Rio Grande do Sul com o empresário Francisco Matarazzo Pignatari⁴. De 1956 a 1974, o controle majoritário esteve a cargo de Pignatari. Em 1974, a FIBASE, filial no BNDES, assume o gerenciamento e controle das minas até 1989, quando em um programa de desestatização, o Governo vende as ações para um grupo de empregados.

⁴ Figura ilustre, mais conhecida por “Baby Pignatari” e que se refere a um empresário italiano naturalizado no Brasil que fez parte do mundo das “celebridades” da sua época. O empresário, inclusive, ganhou notoriedade no *jet-set* internacional do período pelas festas que frequentou e ofereceu, e pelos diversos relacionamentos amorosos que teve com artistas famosas e belidades em geral, entre elas uma princesa. A fama de “Baby” dava-se, principalmente, pelo impressionante patrimônio econômico herdado e desenvolvido pelo empresário, que atuou em diversas frentes, como a fabricação de aviões, de armas e de artefatos metálicos em geral. Pignatari foi amigo dos presidentes da república Getúlio Vargas e Juscelino Kubitschek, tendo deles recebido fortes influências nacionalistas (CABREIRA, 2008)



SOBER

XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia,
Administração e Sociologia Rural



Esse grupo funda a empresa “Bom Jardim”, que explora as minas até seu fechamento em 1996.

A Vila foi se desenvolvendo de acordo com as oscilações da produção do cobre e hoje possui espaços urbanos e edifícios que são testemunhos dessas várias épocas. Entretanto, foi principalmente no período em que Pignatari esteve à frente da CBC, entre 1956 e 1974, que se desenvolveu a infra-estrutura urbana e o sistema social que antigos moradores e ex-funcionários associam a uma época de auge da comunidade local.

Pode se compreender melhor a vila, dividindo-a em setores: o setor mineiro que é composto por minas a céu aberto e subterrâneas e possui também uma superestrutura de edifícios ou galpões para armazenamento de maquinaria, instrumentos e veículos necessários a extração dos minerais, além de edifícios administrativos. O segundo setor constituído de alojamentos e residências dos mineiros, distribuído em bairros. E por fim o setor representado pelo bairro central, formado pelas residências de chefes de equipe, engenheiros e acionistas das empresas e também hospital, cinema, praça, hotel, igreja, escola, clube dos engenheiros, ginásio, Centro de Tradições Gaúchas (CTG), supermercado e outros...

Toda essa estrutura encontra-se praticamente abandonada desde o fechamento da mina. O local que chegou a ter 5 mil moradores, na década de oitenta, atualmente sobrevive com cerca de 500 habitantes. As famílias, ao longo do tempo, foram mudando-se para outras cidades em busca de emprego e alternativas econômicas. Todo o complexo, até o momento da realização desse estudo, encontrava-se em processo de liquidação pelos últimos donos, o grupo Bom Jardim.

Na última década houveram diversas tentativas de empreendimentos em diferentes campos de atuação, principalmente relacionados ao turismo rural devido a singularidade da paisagem, mas nenhuma logrou êxito até o presente momento⁵.

4- Resultados

4.1- Os Habitantes de Minas do Camaquã

Os moradores que povoam a localidade, em sua maioria, vieram das proximidades para morar no local em razão do trabalho propiciado pela extração de minérios. Enquanto alguns eram casados e já possuíam filhos, a grande maioria constituiu família, teve e criou seus filhos em Minas do Camaquã. Desses primeiros ocupantes, hoje mineiros aposentados, são raros os filhos que permanecem no local, pois com a mina inoperante, as oportunidades de trabalho e de desenvolvimento econômico tornaram-se restritas, o que fez com que os mais jovens saíssem em busca de alternativas em outras localidades.

As casas que deram origem às vilas foram sendo construídas de acordo com a chegada dos funcionários da CBC. Esses bairros foram se estruturando de forma hierárquica, com os engenheiros (ricos) de um lado da vila em locais mais altos e privilegiados geograficamente e os mineiros (operários) do outro lado nos locais mais baixos. Havia inclusive, dois clubes, o

⁵ Para uma análise das conseqüências sócio-ambientais a cerca da prática extrativista de mineração ver CABREIRA (2008)



SOBER

XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia,
Administração e Sociologia Rural



dos engenheiros e o dos mineiros sendo que no primeiro não era permitido o acesso dos operários, porém no clube dos segundos os primeiros podiam freqüentar.

Notou-se que os problemas estruturais estão agravados, especialmente no bairro Satélite, um dos bairros operários mais pobres, onde as casas, a maioria de madeira, encontram-se bastante deterioradas pela ação do tempo, as ruas em condições precárias, não possuem calçamento e os problemas de saneamento, água e iluminação pública são significativos, afora o fato de possuir terrenos visivelmente menores que os do bairro dos engenheiros, uma configuração dada na época da mineração. As condições em que vivem os moradores do bairro Satélite trazem a tona um problema, que se acumula a longa data, refere-se as diferenças de infra-estrutura entre a população do bairro Satélite e o dos engenheiros e que vêm despertando um sentimento de inferioridade e “menos favorecimento” entre os moradores, que responsabilizam os governos municipais, pela atual situação. A população do bairro dos engenheiros também chamado de Centrinho, no entanto, não demonstra sentimento de superioridade, mas admitem e se pôde testemunhar, que em termos estruturais estejam em melhores condições. Desse modo, esse sentimento que se pôde perceber, a primeira vista, é dado pelo fato de os moradores de um bairro não comprarem em estabelecimentos comerciais do outro bairro, de moradores de um bairro não participarem de cursos organizados em outro bairro, ou então acerca da rivalidade em torneios esportivos da localidade, questões que vêm afetando as relações interpessoais e comunitárias entre as populações dos bairros, que não consegue desenvolver qualquer atividade coletiva em prol dos habitantes como um todo.

4.2- A Renda da População Local

A renda das famílias apresenta significativa variação. A maioria da população sobrevive com o dinheiro da aposentadoria dos mineiros, a renda varia conforme as diferentes aposentadorias, que vão de 03 a 10 salários mínimos tendo em conta que muitos dos ex-funcionários da CBC se aposentavam ainda jovens em função de direitos trabalhistas da área da mineração que prevêm aposentadoria com 15 anos de serviço para os trabalhadores que exerciam funções nas minas subterrâneas. Assim, era comum encontrar pessoas com pouco mais de 30 anos de idade já aposentadas. Entretanto, as aposentadorias podem ser consideradas razoáveis, mas a renda poderia ser melhor se combinada a outras atividades, ainda que fossem de subsistência, como o exemplo de atividades agropecuárias, o que é raro no local, inclusive pelo limitante do tamanho das propriedades, pois se trata de pequenos terrenos, onde foram construídas as casas pelas empresas de mineração com a finalidade de abrigar o funcionário e a família e cujo aluguel apresentava um baixo valor e taxas como de água e energia elétrica não eram pagas pelos moradores.

A partir dessa observação, vê-se atualmente o problema da renda e a ausência de alternativas sociais e de lazer porque enfrentam os habitantes da localidade, principalmente aqueles com aposentadorias menores e que caracterizam a maioria da população existente no local, os quais passam o dia em suas casas, escutando rádio ou assistindo TV sem nenhuma atividade geradora de renda.

Por outro lado, os entrevistados demonstraram vontade de desenvolver algum trabalho que ocupe seu cotidiano e que lhes dê prazer. Nesse sentido, temos o exemplo de um morador que possui uma oficina mecânica e outro que apenas deseja trabalhar com hortigranjeiros. O



SOBER

XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia,
Administração e Sociologia Rural



primeiro demonstra muita satisfação e se sente realizado por desenvolver seu trabalho, não tanto pelo dinheiro que gera, mas pela oportunidade de fazer o que ele acredita ser a sua vocação. O segundo também acredita que tem vocação para trabalhar em hortigranjeiros, mas lamenta que as oportunidades para desenvolvê-la foram poucas, inclusive menciona algumas iniciativas com vizinhos, os quais possuíam terrenos maiores que o seu, acerca de uma horta denominada por ele de “comunitária” e que o objetivo seria a venda da produção em forma de feira na localidade, mas que acabou sendo motivo de conflitos e inimizade entre os vizinhos em razão da divisão do trabalho o que conseqüentemente não logrou êxito.

4.3- As Lideranças Locais e Associação de Moradores

As principais lideranças identificadas na localidade são constituídas pelo presidente da associação de moradores, líderes da igreja (comunidade católica) e professores da escola local. Sob esse aspecto, durante a entrevista foram levantadas questões interessantes. Tanto os líderes da igreja quanto professores foram estigmatizados pelos entrevistados como “inimigos da mudança”, pois os entrevistados afirmam que essas lideranças estão voltadas a interesses pessoais como tranquilidade e sossego, uma vez que, segundo eles, preferem que a localidade permaneça como está, sem que haja mudança ou qualquer transformação benéfica para os moradores.

Já com relação à associação, ela foi identificada como não representativa da comunidade, pois não ocorrem reuniões para discussão e ela somente desempenha o papel de receptora dos recursos financeiros enviados pela prefeitura, solucionando problemas de ordem estrutural (luz, água, esgoto) para a localidade dando privilégio ao bairro Centrinho. Os entrevistados demonstraram indignação diante desse fato e, embora não tenham clareza sobre como poderia se dar um processo participativo na associação, e tão pouco de como poderiam reverter esse quadro, evidenciaram interesse pela existência de espaços de discussão onde pudessem fazer encaminhamentos e definir responsabilidades, tanto para o poder público municipal, quanto para a população local.

Uma questão que chama a atenção e que possivelmente tenha uma relação direta com os problemas da associação é o fato do presidente não ser morador do local, sendo também um funcionário do atual proprietário de quase todas as ações da antiga Companhia Brasileira do Cobre (CBC) e, especialmente, ser um cargo de confiança da atual administração municipal, o que provavelmente o faça ter interesses que não condizem com a maioria da população local e, conseqüentemente, não as represente como esperam.

4.4- A Religião da População Local

A localidade é representada pelas religiões Espírita (um Centro Espírita) e Católica (uma Igreja Católica). Sendo a religião Católica com maior expressividade em relação ao número de participantes. Anualmente são realizadas a Procissão de Santa Bárbara (eleita padroeira da comunidade por ser considerada pela Igreja Católica como padroeira dos mineiros) e também a festa dos Mineiros. É interessante notar que a Igreja Católica local, capela, como é chamada, de uns tempos para cá, não propõe atividades semanais e muito menos diárias, restringindo-se a missas que ocorrem, geralmente, uma vez a cada mês visto que o padre não reside na localidade.



SOBER

XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia,
Administração e Sociologia Rural



Observou-se que os entrevistados participam das celebrações muito em razão de uma tradição familiar passada de pai para filho, pois que não há um envolvimento ativo com a Igreja. Referem-se a o que, na Igreja Católica é denominado misseiro, aquele que vai à Igreja somente quando tem missa. Verifica-se, com isso, que a população local não tem uma prática de envolvimento com a comunidade religiosa à qual se autodenomina praticante. É interessante confrontar este fato com algo que é característica predominante das comunidades cristãs (neste caso a Igreja Católica que é a prática majoritária na localidade), a vivência comunitária⁶. Segundo Michel (2007, p. 18):

“Todos aqueles que são agentes de pastoral, lideranças, que participam ativamente da Igreja Católica, seja em grupos de oração ou em outras formas de expressão do catolicismo, tem uma prática de vida comunitária ativa. Essa prática se caracteriza por ações como estudos bíblicos, reza do terço ou do rosário, novenas ou tríduos, encontros pastorais, encontros de formação cristã, encontros de grupos de família ou ainda outras formas de vivência.”

Participar da missa que é celebrada apenas uma vez por mês, como constatado, sem a organização e o envolvimento com outras atividades da capela católica, expressa que essa participação se dá muito mais por tradição e superstição, o que foi identificado, do que desejo de ter uma alternativa de vivência comunitária. Percebe-se que nem mesmo em uma prática religiosa a população da localidade em estudo consegue se organizar para uma vida comunitária.

4.5 – A lembrança do Tempos Áureos

Os “bons tempos” fazem referência à época em que as minas estavam no auge do funcionamento e, principalmente, aos eventos que eram promovidos por Baby Pignatari quando grandes quantidades de comida, bebida e brinquedos eram distribuídos em forma de brindes e presentes para os funcionários e seus familiares. Os entrevistados relataram que na época de “Baby” havia sempre aos finais de semana atividades de lazer e diversão como as festas nos clubes ou projeção de filmes em uma grande sala de cinema construída no centro da Vila, o “Cine Rodeio”⁷. Eles também lembram saudosos dos “velhos e bons tempos” pelo fato de terem constituído a família, criado os filhos e das amizades com os colegas de trabalho na localidade, muitos dos quais já falecidos.

Como recordações negativas foram mencionadas, principalmente, a morte de colegas que sofreram acidentes durante o trabalho de extração do cobre, e por outro lado, ver o fim da exploração das minas, a qual sob o olhar dos entrevistados trazia desenvolvimento para o local. Somado a isso, os moradores mais antigos enfrentam a angustiante separação dos filhos que saem em busca de trabalho e de melhores condições de vida e não retornam mais.

⁶ Michel, (2007, p. 12) entende a vida comunitária como a “interação ativa entre os indivíduos que procuram realizar atividades que os integrem entre si”.

⁷ Conforme a descrição de Cabreira (2008) refere-se a um prédio em estilo *Far West americano*, imenso galpão de madeira, tendo na fachada detalhes como a porta de pequenas abas, que abrem e fecham em vai e vem, e desenhos esculpidos no frontão da parte superior do antigo *saloon*.



SOBER

XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia,
Administração e Sociologia Rural



Esse ponto do estudo, bastante desafiador para o grupo iniciante de pesquisadores, colocou em evidência a emoção e a angústia transposta em lágrimas pelos entrevistados ao lembrarem dos acidentes de colegas, vítimas de soterramento nas minas.

4.6- Os Laços Familiares e de Vizinhança

As relações familiares na localidade seguem a lógica das mudanças ocorridas na sociedade moderna, ou seja, diminui a intensidade das relações e também os mutirões de ajuda e de troca de serviços, os encontros familiares e entre as famílias vizinhas. A mudança também incide na educação dos filhos, aparentando menos rigidez dos pais e maior poder de decisão dos filhos sobre as suas ações.

Os casamentos que raramente acontecem, sucedem-se, quase sempre, entre moradores do local, sendo poucos os casos de pessoas de Minas do Camaquã casarem-se com outras de fora da localidade. Porém, quando acontecem esses casos, quase sempre as pessoas vão construir a família em outra localidade. Diferente do que se prezava em décadas passadas, hoje os casos de casamentos formais diminuíram significativamente, os casais preferem apenas morar junto e constituir família, sem formalidade religiosa e legal. Esse fato que era tido como inconcebível a poucas décadas atrás, hoje é mais bem compreendido e visto com menos preconceito e mais naturalidade.

4.7- Dificuldade Enfrentadas Pelos Moradores Locais

Os problemas da localidade, levantados pelos entrevistados, estão relacionados a saneamento básico, água, energia elétrica, especialmente, ao fato de não haver assistência médica no local. A Prefeitura mantém serviços ambulatoriais precários e disponibiliza uma ambulância para levar os moradores a Caçapava em casos que exigem atendimento e acompanhamento médico.

Entrevistados mais jovens vêm em projetos trazidos de fora como o de turismo rural, por exemplo, perspectivas de emprego e geração de renda.

Parece que os entrevistados não se reconhecem enquanto atores sociais que poderiam buscar e assumir estratégias e projetos locais que envolvessem o grupo de maneira coletiva. Eles não se vêem comprometidos e tão pouco responsáveis pela situação em que se encontram e nem pelas coisas do local. Acrescente-se a tal fato a baixa escolaridade e índices de analfabetismo verificáveis entre a população.

4.8- A Cultura do Paternalismo

Com base em todos esses pontos levantados no decorrer do estudo, identificou-se a “cultura do paternalismo⁸” como a raiz dos problemas causadores da estagnação da localidade. Minas do Camaquã tem a sua origem marcada pela presença de um certo “pai” ou “herói” de fora da localidade que os “protegeu” garantindo de certa forma necessidades

⁸ Entende-se paternalismo como uma modalidade de autoritarismo, na qual uma pessoa exerce o poder sobre outras combinando decisões arbitrárias e inquestionáveis, com elementos sentimentais e concessões graciosas.



SOBER

XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia,
Administração e Sociologia Rural



básicas como moradia, trabalho, saúde, lazer e educação em troca de respeito e submissão, não havendo necessidade de essa população buscar seus direitos, participar e atuar como cidadãos políticos e ativos na sociedade.

É interessante notar, inclusive, que na época não era permitido aos funcionários criar, desenvolver ou exercer qualquer atividade autônoma e independente da mineração, exceto algumas poucas famílias consideradas privilegiadas que tinham o consentimento para praticar outras atividades que não somente de extração, já que tudo o que havia no local estava vinculado a CBC.

Entende-se que esses fatos são os principais responsáveis pela depreciação do patrimônio e pela estagnação da localidade, pois a população fica sempre a espera de um “herói” para coordenar, administrar e cuidar delas e do que é público.

Constata-se que a dificuldade de vivência comunitária no que se relaciona a prática religiosa e também a dificuldade de interação dos habitantes locais com a associação de moradores aceitando passivamente (pois apesar das reclamações não se tem ação nenhuma) que alguém de fora seja o presidente (não representando os interesses locais) tem suas raízes fundadas na cultura paternalista, arraigada na memória e nas vivências desta população. Ou seja, pode-se afirmar que esta suposta passividade de ações nas situações citadas (associação de moradores e prática religiosa) se dá por uma determinada espera de alguém que vem de fora e faça por eles e para eles o que tem de ser feito na comunidade. Isto se deve a forma como se alicerçou a cultura paternalista na identidade desta comunidade, o que os impede de se reconhecerem enquanto atores sociais.

5 – Uma Pauta de Discussão para Comunidade Local

A análise da situação das Minas do Camaquã suscita, de antemão, pensar estratégias no sentido de resgatar a auto-estima, mobilizar e gerar um sentimento de comunidade⁹ entre os atores sociais dessa localidade com vistas a criação posterior de projetos de desenvolvimento local. Nessa linha de raciocínio entende-se que o desenvolvimento local está relacionado ao conceito de Buarque (1999, p. 56) ao abordar a questão do desenvolvimento local sustentável, ou seja:

“Um processo endógeno registrado em pequenas unidades territoriais e agrupamentos humanos capaz de promover o dinamismo econômico e a melhoria da qualidade de vida da população. Representa uma singular transformação nas bases econômicas e na organização social em nível local, resultante da mobilização das energias da sociedade, explorando as suas capacidades e potencialidades específicas.”

Acredita-se, pelo atual contexto, que a promoção de projetos que tenham tão somente a finalidade de desenvolvimento econômico baseado no progresso tecnológico não podem comportar a real necessidade das pessoas do local. Vislumbra-se, primeiramente, a necessidade de geração de um sentimento de pertença, comprometimento e cumplicidade de uns moradores com os outros e com o espaço onde vivem de modo a unificarem-se enquanto comunidade. O conceito de comunidade que se vem tratando no decorrer desse estudo tem a

⁹ Entende-se, aqui, por geração de sentimento de comunidade como a necessidade de incentivar os habitantes da referida localidade a vivenciarem um sentimento de cooperação entre si, dividindo não apenas as angústias, os saudosismos e as nostalgias, mas idéias e ações concretas para a transformação socioeconômica da localidade.



SOBER

XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia,
Administração e Sociologia Rural



ver com uma alternativa a questão clássica da crise entre liberdade e coerção da modernidade. Para Madeira Ribeiro (2004, p. 02) “este conceito tem revelado importância fundamental como forma de superação dos impasses deixados pelas ameaças correntes da perda de identidade, fragmentação da experiência, da globalização e dos demais fenômenos disruptivos que estão na agenda do debate social contemporâneo”. Por meio da comunidade existe a possibilidade de engendramento de seus membros em uma rede de responsabilidades éticas e de compromissos a longo prazo. Longe de um conceito idealista “a comunidade é o lugar onde os indivíduos compartilham interesses comuns, bens simbólicos, valores e práticas sem necessariamente assumirem compromissos de engajamento para além dos contornos daquilo com o qual se identificam.” (RIBEIRO, 2004, p. 4). Portanto, compreende-se que essa é a etapa inicial, quando deverá refletir o fortalecimento identitário e de enraizamento local.

Uma vez que essa etapa seja vivenciada e superada, poderá a comunidade idealizar e realizar projetos de maior âmbito de acordo com as suas perspectivas. Nossa contribuição está embasada nos princípios do educador e pedagogo Paulo Freire. A metodologia se desenvolve nos pilares da ação e reflexão, envolvendo, especialmente, a família a escola e a comunidade, como se segue:

- **Reativação do Cine Rodeio**, pois de acordo com os entrevistados, tratava-se de um espaço de convergência onde era possível reunir todos os moradores e que reflete as lembranças dos “bons tempos”. A apresentação de filmes temáticos e a criação de espaços de discussão sobre os mesmos podem constituir uma forma de interação social, desenvolvendo os sentimentos de comunidade e diminuindo os de rivalidade. Dentro dessa estratégia, em um segundo momento, poderia ser proposta a criação do “Clube Amigos do Cine Rodeio” de modo a envolver os moradores na manutenção e conservação do prédio. Para a implementação dessa proposta, sugere-se uma parceria entre a escola, igreja e prefeitura, sendo coordenado pelas lideranças dessas instituições, mas que envolva todos os integrantes destas.

- **Criação e/ou fortalecimento de grupos de teatro, música e dança**. Envolver a terceira idade, jovens e adultos com a intenção de reconstruir a história das Minas. Essa estratégia parte da idéia de resgatar e valorizar a história do local com e para os moradores. Buscar-se-ia o apoio das famílias da localidade, da escola e da igreja;

- **Fortalecimento da Igreja** na intenção de torná-la mais representativa, através da criação de pastorais que possam promover cursos de formação, encontros de jovens e celebrações. As atividades organizadas pela Igreja poderão envolver a comunidade, proporcionando uma reflexão acerca de valores como solidariedade, colaboração e coletividade. Pois nota-se a ausência de espaços para o exercício da prática de participação efetiva e colaboração entre os moradores.

- **Adequação da localidade para o incentivo a atividade de turismo rural**. O turismo rural se coloca como possibilidade fundamental de materialização de políticas públicas visando o desenvolvimento rural local, a diversificação da economia regional, a geração de novas oportunidades de trabalho, o estímulo ao melhoramento da infraestrutura de transporte, comunicação e saneamento, a valorização do patrimônio natural e cultural. A consequência será a melhoria da qualidade de vida da população local. Há que se considerar ainda a peculiaridade da localidade, com belezas geográficas singulares e uma infra-estrutura significativa, das quais se pode citar o paredão, a presidência, a mina São Luís, a mina



SOBER

XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia,
Administração e Sociologia Rural



Uruguai, a pedra da cruz, a barragem, a mina a céu aberto, a Maria Fumaça, o próprio Cine Rodeio e tantos outros atrativos que essa localidade oferece e não são explorados. Entretanto é fundamental se ter presente que a proposta de turismo rural poderá não se sustentar, tal como é proposta, caso não sejam fomentadas ações como as mencionadas anteriormente ou ainda seguindo essa mesma linha, as quais visem enraizar na comunidade uma prática de vivência comunitária aliada a um sentimento de colaboração entre seus membros.

É importante salientar que as propostas encaminhadas no estudo possuem como objetivo principal, contribuir para a transformação da “cultura do paternalismo” tão fortemente arraigada entre os moradores de Minas do Camaquã, pois nesse estudo esse fato foi considerado, dentre os aspectos antropológicos, como o principal responsável pela estagnação da localidade. Nota-se que para que as pessoas da localidade se sintam parte do local e da estrutura, é preciso que as ações partam dos próprios moradores, pois o imaginário social dessa população é formado historicamente pela espera de um agente ou algo externo a localidade, que lhes assegure as condições. Diante disso, acredita-se que as bases das ações devem partir de instituições locais, como a Igreja, a Escola e a Associação de Moradores, onde a Prefeitura também deve assumir o que é de sua competência e responsabilidade, contribuindo, principalmente, no exercício da prática da participação cidadã e dando apoio às iniciativas das instituições locais.

6 – Considerações Finais.

A partir desse diagnóstico, observa-se a importância de identificar e explorar aspectos antropológicos, pois que possibilitam tomar conhecimento do imaginário social dos habitantes do local. Tomando como base noções de especialistas da Antropologia, citados na revisão de literatura, para que uma pesquisa antropológica seja completa é preciso um tempo longo e exaustivo de observação e principalmente de convivência com as pessoas a serem estudadas, dessa forma as suas ações e comportamentos devem ser anotados e desenvolvidos, buscando compreendê-los.

Nesse sentido, chegou-se a conclusão que a ferramenta utilizada para a realização da pesquisa, entrevistas, não pode contemplar os requisitos exigidos para uma compreensão efetivamente antropológica. Isso se deve ao fato, especialmente, de ser realizada de forma rápida, ou seja, num curto período de tempo, uma condição que limita o antropólogo dada a necessidade de observação a longo prazo. Porém, por se tratar de um trabalho interdisciplinar, o diagnóstico apresenta validade no sentido de contribuir com pistas e dados, ainda que superficiais, para uma compreensão mais geral que deverá oferecer a base para o pesquisador aprofundar a pesquisa nas etapas subsequentes.

Ao nível de resultados, nota-se que os entrevistados mais velhos parecem compartilhar de um mesmo ideal: a reativação da mineração, a qual seria a única capaz de atender as suas expectativas tanto econômica como sociais. Enquanto os mais jovens são movidos por outros ideais que não somente a mineração, tendo em conta, que fazem uma leitura de certa forma diferente dos “bons tempos” da mineração, muito embora, vejam em grandes projetos trazidos de fora uma perspectiva de desenvolvimento na localidade.

A nostalgia e a cultura do paternalismo foram identificadas como as principais causadoras da estagnação da localidade, as pessoas não se sentem parte responsável umas pelas outras e tão pouco pelo patrimônio público, por isso não contribuem para a manutenção



e desenvolvimento de Minas do Camaquã. Ainda hoje, esperam a reativação da mineração no local por acreditarem que um outro Baby Pignatari aparecerá para redesenhar o rumo de suas vidas e quem sabe reconstruir um tempo passado, onde novamente a população vai usufruir das estruturas, mas não serão atores sociais.

Acredita-se que a melhor forma de reverter esse quadro é o desenvolvimento de um sentimento de comunidade, onde os moradores tornem-se parte importante da localidade e percebam que sua contribuição é essencial para que o local se desenvolva.

8 - Referências Bibliográficas

ALMEIDA, J. A. **A Técnica da Avaliação Rural Rápida (ARR) para Projetos de Desenvolvimento Rural**. Santa Maria, Ciência Rural. 1992.

BUARQUE, S. C. **Metodologia de planejamento do desenvolvimento local e municipal sustentável**. Instituto Interamericano de Cooperação para a Agricultura (IICA), Brasília, 1999.

CABREIRA, D. P. **Desenvolvimento insustentável: Possíveis lições de uma pequena comunidade mineira (mimeo)**. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural) – Universidade Federal de Santa Maria, 2008.

DAMATTA, R. **Relativizando; uma introdução a antropologia social**. Rio de Janeiro: Sindicato Rural dos Editores do Livro, 1987.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

IBGE. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>> Acesso em: fevereiro de 2008

LÉVI-STRAUSS, C. **O Pensamento Selvagem**. São Paulo: Cia. Nacional, 1970.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E.V. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 6. ed. São Paulo: Atlas 2005.

MALINOWSKI, **Argonautas do Pacífico Ocidental**. 1. ed. São Paulo: Abril 1976.

MICHEL, M. D. **As religiões e as Práticas de Vivência Comunitária**. (mimeo), Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2007.

RIBEIRO, L.M. **Revista Comunicação e Espaço Público**. Ano VII, nº 1 e 2, 2004.

TOMAZI, N, D. **Iniciação a Sociologia**. 2 ed. São Paulo: Atual, 2000.